Introdução

Alexandre Lissovsky

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LISSOVSKY, A. *2000 anos depois: o renascimento de Israel* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Introdução. pp. 18-19. ISBN: 978-85-7982-003-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

INTRODUÇÃO

Israel é ao mesmo tempo um assunto fácil e difícil para o escritor, porque é uma lenda em existência.

Meyer Levin

Neste nosso atribulado e turbulento século XX a criação do Estado de Israel é sem dúvida um acontecimento marcante. Com isso concretizou-se um sonho, um ideal, uma aspiração quase bimilenar. Foi precedido, porém, por um período – poderíamos chamá-lo de preparatório – longo e difícil, repleto de obstáculos, desilusões e sacrifícios.

O ressurgimento do Estado Judaico decorreu do êxito (para muitos surpreendente, quicá inacreditável) de um movimento político fundado modestamente em fins do século passado: o sionismo. O que é, em essência, o sionismo? Responde Ben-Gurion: Sionismo significa o retorno a Sião. (Segundo Ben-Gurion o termo “sionismo” foi cunhado por um judeu galiciano, de nome Bember, por volta da última década do século XIX; esse Bember, ironicamente, se tornaria mais tarde ferrenho antissionista.) Mas esse desejo de retorno, de restauração nacional, precede de muito o aparecimento do sionismo político, manifestando-se já logo após a destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70. Desde então tem sido constante o apego que os judeus demonstraram pela Palestina, tornando-se a crença de um retorno a Sião um dos princípios fundamentais da religião judaica. Deve-se destacar, contudo, que no próprio território palestinese a existência de comunidades judaicas – embora, muitas vezes, reduzidas a proporções extremamente pequenas – não sofreu, praticamente, solução de continuidade, assim como se mantiveram quase que ininterruptas as comunicações entre os judeus da Palestina e a Diáspora.

Os judeus que da Dispersão se dirigiam à Terra Santa faziam-no, de início, movidos por sentimentos religiosos. Conhecem-se exemplos vários de rabinos, poetas, pessoas devotas em geral, que principalmente durante a época medieval, iam em peregrinação à terra de seus antepassados a fim de dedicarem seus últimos anos de vida ao estudo religioso e ali serem enterrados. Ainda em plena Idade Moderna, no início do século XVIII, descrevia um desses peregrinos as atividades da comunidade judaica de Jerusalém da seguinte maneira: “Aqui não temos outra ocupação senão estudar e rezar dia e noite”. Havia exceções, é claro, mas era bem reduzido o número dos que se dedicavam ao comércio, ao artesanato ou à lavoura.

Somente na segunda metade do século passado surgiram atitudes e medidas mais práticas e objetivas visando transformar o ideal em realidade. Mas já antes disso apareceram sugestões, planos e projetos relativos à entrega da Palestina aos judeus, alguns mesmo propostos por figuras eminentes. A esses advogados da restauração da autonomia judaica, verdadeiros pioneiros espirituais, daremos a designação de precursores do sionismo.

E agora, lançando mão da linguagem teatral (tão apropriada à maioria dos acontecimentos históricos), é tempo de levantar o pano para o que pode ser considerado, sem exagero, o prólogo de um grande e impressionante drama.